



RNAM

MENSAGEIRO

EDIÇÃO Nº4 - DEZEMBRO DE 2010

ESCLARECENDO NOSSO CURRÍCULO

Olá futuros biólogos e biólogas. O ano já está chegando ao fim e as entidades que representarão os estudantes no CA, Atlética, RD's e DCE já foram escolhidas: veja em detalhe na próxima página. Temos, para fechamento do semestre letivo, uma edição bastante rica. A CAMBIO, comissão formada pelos estudantes em 2009, ganhou um espaço fixo no jornal, para trazer discussões ambientais e divulgar suas atividades. A matrícula já abriu, e como muitos estão com dúvidas, os RD's da Graduação prepararam um texto explicando cada parte do nosso currículo, além de informações obtidas diretamente da CG. Leia também um texto sobre avaliação escolar escrito pelo Conselho JEDI, um grupo de discussão ainda em formação iniciado após o EREB desse ano. Nessa edição, contamos também com a espontânea participação de um aluno da pós discutindo nossa formação e também incluímos a despedida do Xuxu, veterano que tem participado ativamente do CA nos últimos anos e agora está se aproximando do fim da sua graduação. Boas férias e nos vemos no próximo ano, com a nova gestão já empossada.

Gestão Velha Roupa Colorida
2009-2010



Homenagem ao bom velhinho

ÍNDICE

Informes do CA.....	02
Seção CAMBIO	03
Esclarecendo nosso currículo.....	04 e 05
JEDI: Avaliação Escolar.....	06 e 07
IB x Mercado de Trabalho.....	08
Despedida do Xuxu.....	09 e 10
Espaço Nosso - Arte na Bio.....	11
Momento Lúdico e Bastidores.....	12

Informes do CA

Eleições

Nos dias 23, 24 e 25 de Novembro, foram realizadas as eleições para Centro Acadêmico (CA), Representantes Discentes (RDs), Associação Atlética Acadêmica (Atlética) da Biologia em conjunto com as eleições para Diretório Central do Estudantes – Livre (DCE). Os processos em geral foram bastante tranquilos e tem o seguinte resultado.

As Gestões eleitas para CA, Atlética e DCE foram, respectivamente: "Sinapse", "Gloriosa" e "Todas as Vozes".

Representantes Discentes

>>Departamentos

Ecologia: Renata Bianca (T) Irina (S)

Fisiologia: Patricia Tachinardi (T) Leopoldo Barletta (S)

Genética: Camila de Freitas Almeida

Zoologia: Jorge Audino (T)

Botânica: Bruna Rodrigues Ferreira (T) Rafael Cruz (S)

>>CCP

Fisiologia: Aline Dal'Olio Gomes (T) Maria Nathália de Carvalho (S)

Zoologia: Sérgio Nascimento Stampar (T) e Karla Paresque (S)

>>Congregação

1 Renato Grigoli Pereira (T) e Mayra Sato (S)

2 Marco Antonio(T) Adriano Senkevics (S)

>>Comissões

CG: Adriano Senkevics (T) Marco Antonio(S)

CCEX: Marina Kodara (T) Mayra Sato (S)

COC: Kyoshi Beraldo (T) João Cervelleira (S)

Centro Didático: Carolina Perozzi (T)

CTA: Renato Grigoli Pereira (T)

Pesquisa: Marco Antônio Pires (T) Bruno Cesar Ramos (S)

Para os mais interessados, os detalhes de cada uma das eleições pode ser conferido nas atas de eleição, situadas no Centro Acadêmico ou no site do DCE (para as eleições desta entidade).

Bixorgia

Aconteceu na sexta-feira, dia 26 de Novembro a tradicional festa organizada pelos Bixos. A Bixorgia 2010 arrancou elogios mesmo nos mais céticos, provando que os calouros e calouras

de 2010 também tem uma capacidade grande de se organizar, quando tem um objetivo claro em mente. Esperamos que essa empolgação continue agora para a organização da Semana dos Bixos 2011, quando precisaremos mais uma vez do esforço de todos! Estamos compilando fotos da festa no Picasa do CA. Contate algum diretor para passar o pen-drive.

Caleidoscópio

O CA em sua última reunião resolveu adiar o Caleidoscópio (oficinas livres oferecidas e aproveitadas por qualquer pessoa durante uma tarde de sábado). Isso devido ao excesso de provas e trabalhos que se acumulam no fim de semestre. Mas para os mais empolgados, na sexta-feira da semana dos bixos estamos prevendo uma atividade similar ao Caleidoscópio, então uniremos esforços para fazer dessa atividade da semana algo ainda maior! Contate algum diretor do CA para montar sua oficina!

Copa Bio - 4 e 5 Dezembro

Inscrições até esta sexta, R\$5,00 por pessoa. Jogos a partir das 9h no CEPEUSP. premiação para o time campeão. Mais informações, falar com Incesto (091) - gabriel.genova@gmail.com

Calourada 2011

Já citada algumas vezes nestes informes, está se aproximando a Semana dos Bixos 2011! Até agora poucas reuniões foram feitas e muita coisa ainda precisa ser pensada. Para que possamos dar aos bixos uma recepção verdadeiramente acolhedora e divertida, precisamos muito da ajuda de todos vocês (especialmente as pessoas de 2010). Entre na comunidade da Calourada no Orkut e ajude a organizar uma semana como a Bio jamais viu.

Canecário

Alguns mais observadores devem ter notado a existência de um canecário no CA. A idéia é que as pessoas tragam canecas de casa (que não estejam mais usando) e deixem lá. Assim outras pessoas que não tem ou não trazem canecas podem usá-las, lavá-las e devolvê-las. A função das canecas é substituir copos no bandeirão ou mesmo no CA, evitando o desperdício e acúmulo de lixo. Afinal somos biólogos.

Seção CAMBIO

Ecologia, meio ambiente, sustentabilidade. Estes termos não são exatamente os mais frequentemente citados pelos alunos e professores do IB em geral, como demonstra a ~~inerível~~ lacuna em nossa grade curricular quanto ao assunto. A CAMBIO (Comissão Ambiental da Biologia) foi criada em 2009 e desde então vem buscando o reconhecimento do instituto, para tornar a sustentabilidade uma prática mais efetiva na Bio.

O conceito de **sustentabilidade** ganhou força nas últimas décadas e podemos defini-lo como o elo entre o crescimento econômico e a preservação do meio ambiente para as futuras gerações. A prática sustentável, na verdade, pode ser vista como uma “minimização” das conseqüências das ações humanas sobre a biodiversidade. Hoje, no entanto, não podemos exigir muito daquelas pessoas que não estão inseridas no mesmo contexto que os alunos do IB. Naquelas horas em que vemos alguém jogando um coco pela janela do carro, devemos refletir: não é lógico esperar que toda uma população priorize as práticas sustentáveis e ações “ecologicamente corretas” da mesma maneira que os biólogos (se é que somos realmente um bom exemplo nesse quesito), porque trata-se inicialmente de uma questão **educacional**. Além disso, é natural do ser humano, assim como todos os organismos vivos, pensar primeiro em sua sobrevivência.

Com isso, a biodiversidade é vista como nossa fonte de recursos e capital, ou seja, é atribuído uma “utilidade” aos componentes desta para que sua importância seja reconhecida. No entanto, chegar a esse raciocínio pode parecer um erro para os biólogos, afinal, a vida até onde sabemos é extremamente rara no universo e a biodiversidade é algo tão grandioso e complexo que não pode ser atribuída de um “valor”. Isso só ocorre porque os seres humanos, criticamente, procuram uma utilidade prática em tudo o que os circundam.

Mesmo assim, biólogos e economistas tem feito, juntos, estudos para “quantificar” a rentabilidade que certos animais, plantas e bactérias podem gerar, para demonstrar como sua preservação pode ser economicamente favorável. Essa questionável valoração é uma tentativa de sensibilizar a comunidade não-científica em um sensível órgão do ser humano: o bolso.

Anualmente, as frutas polinizadas por abelhas geram um movimento de 14,6 bilhões de dólares, segundo uma universidade norte-americana. Outro exemplo é a vinca rosea (*Catharanthus roseus*), de Madagáscar, cujo princípio ativo é usado em medicamentos, gerando um movimento de 100 milhões de euros

por ano. O humo gerado por minhocas pode, em média, gerar uma tonelada de terra fértil por hectare/ano. Estes são só alguns dos benefícios que espécies podem trazer para a economia do *Homo Sapiens*.

Se pararmos para pensar, realmente é uma heresia considerarmos uma abelha importante só porque ela realiza a polinização ou uma planta devido à substância

milagrosa que ela produz, pois sabemos que eles são muito mais do que isso. As espécies estão inseridas em cadeias tróficas, que podem ser altamente complexas, e seus componentes interagem intensamente, formando uma rede de interações ecológicas. Logo, a importância de uma espécie vai muito além das comodidades que o homem eventualmente pode usufruir dela. A questão da valoração pode ser útil para o planejamento de leis, projetos e normas que estejam ligados a preservação do meio ambiente.

Essa é uma das questões importantes que trazemos para a discussão, complexa demais para terminarmos aqui. Temos vários planos pra 2011 e contamos com a ajuda, participação e críticas de todos!

Críticas e sugestões:
emailcambio@gmail.com



CAMBIO

RD's da Com. de Graduação:

Adúvida – ou seria melhor angústia? – dos estudantes com relação ao Núcleo Avançado é notável. A matrícula já abriu e as turmas de 2009, 2008 e muitos de 2007, vão ter que encarar a escolha das optativas. O intuito desse texto é, após alguns esclarecimentos nas reuniões da Comissão de Graduação (CG), sanar eventuais dúvidas sobre o que é cada uma das opções nesse caminho aberto pelo currículo flexível. Mas, antes, vamos começar pelo Núcleo Básico.

Núcleo Básico: para quê?

Essa primeira etapa da formação do biólogo, segundo a grade curricular do IB, é composta de 120 créditos-aula. Nela, dois objetivos pretendem ser alcançados: fornecer as bases que todo biólogo deve ter, independente da área que for seguir, e dar os conhecimentos mínimos para que o biólogo, optando o caminho da licenciatura, tenha o conteúdo teórico-prático necessário para dar uma aula na educação básica. Porém, tanto o aprofundamento em licenciatura quanto em bacharelado ocorrem, efetivamente, no Núcleo Avançado, e aí entram as dúvidas.

Núcleo Avançado: o que é obrigatório?

Se for seguir o bacharelado, o estudante precisa cumprir a disciplina Pesquisa em Biologia, que consta do desenvolvimento de um trabalho de pesquisa em algum laboratório/grupo de pesquisa sob a orientação de algum docente e a apresentação para uma banca. Do mais, são necessários, pelo que consta no manual, 20 créditos em optativas eletivas e 34 em optativas livres.

Para a licenciatura, há uma série de disciplinas a ser cursadas na Faculdade de Educação, além de Ensino em Biologia (equivalente à Pesquisa em Biologia, com algumas mudanças), somadas a 10 créditos em eletivas e 10 em livres.

Núcleo Avançado: o que são as optativas?

Optativas eletivas são aquelas que, pelo conteúdo, os professores julgam ser importantes para a complementação da formação do biólogo de um jeito mais genérico. Logo, cursar as eletivas da Botânica é interessante para quem quer ser botânico, não importa a área na qual o mesmo vai enveredar. Para tanto, as optativas eletivas devem ser oferecidas anualmente, de preferência no diurno e no noturno, embora isso não ocorra.

Optativas livres, por outro lado, são mais específicas, pontuais, e não são necessariamente oferecidas com regularidade, nem nos dois períodos. Além disso, ao contrário das eletivas, que são disponibilizadas pelo IB, as optativas livres podem ser cursadas em qualquer unidade da USP, sendo inclusive esse um dos objetivos: diversificar o currículo, criar outros contatos, conhecer outras faculdades.

Se as eletivas oferecem a oportunidade de se aprofundar em Zoologia, Botânica ou Ecologia, as livres te permitem ou aprofundar ainda mais em temas específicos - como aracnologia, genética humana e biologia molecular de plantas - ou abranger áreas pouco contempladas no Instituto: psicologia, oceanografia, computação, biomedicina e sociologia, para citar alguns exemplos. Além, é claro, de te permitir explorar campos ainda mais distantes da nossa área de formação/atuação, mas igualmente importantes: artes, música, história, jornalismo etc.

Créditos-extensão

Embora pouco difundido, existe uma forma de obter créditos por atividades de extensão: por meio de uma disciplina optativa chamada "Atividades de Cultura e Extensão". No IB, de modo geral, quem tem mais contato com isso são os integrantes da COST (Comissão Organizadora da Semana Temática) e a EB (Estação Biologia). Mas os créditos que podem



Esclarecendo nosso Currículo

ser obtidos por extensão não se restringem a essas duas atividades, contemplando também as monitorias (quantas pessoas são monitoras e nem sabem disso?) e outras, a ser avaliadas pela CG.

Foi sugerido que se incluísse um informe sobre os créditos-extensão no manual de graduação de 2011 e a sugestão foi acatada. Porém, não estarão todas as informações necessárias para a obtenção desses créditos. Facilitando para os estudantes, a dica é: no momento da matrícula, vá à Seção de Alunos e se informe sobre a possibilidade de obter créditos por alguma atividade de extensão que você for executar no semestre.

A princípio, a matrícula nessa disciplina só pode ser realizado pelo papel, não havendo inscrição pelo JúpiterWeb. Se houver interesse em obter esses créditos, que devem valer como 04 créditos de optativas livres, informe-se na Seção de Alunos.

Resolução CFBio nº 213/2010

Recente resolução emitida pelo Conselho Federal de Biologia causou uma certa discussão se nos afetaria

ou não. Tal resolução prevê que, a partir dos formandos de 2013, a carga horária mínima para um biólogo é de 3.200 horas. Aparentemente, essa resolução não vai fazer diferença para nós: segundo o manual de graduação, a licenciatura em Ciências Biológicas já contempla as 3.200 horas, enquanto o bacharelado contempla 3.240 horas, ou seja, estamos dentro do mínimo exigido pelo CFBio.

Novidades na grade curricular para 2011

Em versão preliminar parece que houve a criação de novas optativas livres para 2011: "Estruturas Reprodutivas em Angiospermas: Anatomia e Desenvolvimento", "Seminários em Fisiologia", "Trabalhos Práticas com Populações de Crustáceos Decápodes" e "Biologia e Cidadania". As três últimas já estão disponíveis

para matrícula pelo JúpiterWeb.

Incongruências entre manual e JúpiterWeb

As informações contrastantes entre o que prevê o Manual de Graduação e o que prevê o Júpiter, especialmente a seção "Evolução no Curso", é um dos motivos maiores de dúvidas entre os créditos necessários para o curso. O que vale mais, entre os dois, é o que está no manual. No Júpiter, há informações bastante equivocadas, como a carga mínima de optativas eletivas para licenciatura ser de 22 créditos-aula. Foi-nos informado que esses erros seriam corrigidos com a abertura da matrícula, mas não foi o que aconteceu. Insistiremos na correção desses equívocos para que todos os dados

sobre os requisitos da nossa formação estejam coerentes.

Debates: a formação do biólogo

O currículo deve manter o mesmo padrão, mas mudanças são necessárias. O Centro Acadêmico estará promovendo, a partir do próximo ano, debates sobre a formação do biólogo, envolvendo professores e alunos, com o objetivo de trazer

as sugestões dos estudantes na formulação da grade curricular, além de ouvir docentes das mais variadas áreas e com focos acadêmico-profissionais distintos. É fundamental que os calouros participem, já que as eventuais mudanças na grade poderão vos afetar, e que os veteranos também, devido a sua experiência face ao modelo atual de grade e os sabidos problemas que já ocorreram.

Contamos com a colaboração de todos. Qualquer dúvida, nos procure ou a alguém do CABio.

Adriano Senkevics (Dexter, 07I)
Marco Farias (Marx, 08I)

Representantes Discentes da
Comissão de Graduação (CG)

“Há muitas dúvidas e problemas na nossa grade. Ano que vem serão organizados eventos junto ao CABio para debate-los. Participe e nos ajude a construir um currículo melhor!”

Avaliação escolar: o principal

Nas últimas semanas, temos nos reunido para discutir educação brasileira e ao elencarmos três tópicos essenciais a esse grande tema, a saber: meritocracia, avaliação escolar e progressão continuada, nos deparamos ao que parece ser um problema central na busca de uma escola pública que, além de conquistar a tão almejada 'qualidade de ensino', seja justa para com seus estudantes: a avaliação.

A justiça escolar

Em um texto amplamente adotado pelos cursos de sociologia da educação desta universidade, o sociólogo francês François Dubet discute possíveis noções do que seria uma escola justa. Na atual sociedade democrática, em âmbito global, o principal modelo adotado é o modelo meritocrático, isto é, baseado no mérito. Em poucas palavras, a escola estaria bastante adequada a lidar com os estudantes de maior destaque, aqueles que obtêm as melhores notas.

Porém, as dificuldades e limitações desse sistema não poderiam deixar de ser mencionadas: a oferta de um ensino de qualidade é irregular, os alunos possuem bases e formações diferentes, os piores alunos são culpados pelo seu fracasso, enfim, uma série de implicações que estão longe de ser justas. É da própria natureza da meritocracia, por exemplo, a produção maior de "vencidos" que de "vencedores".

A despeito de todas essas dificuldades, que impõem a necessidade de outras concepções de justiça ao menos mescladas à meritocracia, é assim que a educação tem sido tratada no nosso Estado. Há dezesseis anos no poder, o governo do PSDB, por meio de figuras como a ex-secretária da educação Maria Helena Guimarães de Castro, implantou uma série de políticas essencialmente meritocráticas (como o bônus salarial para os professores que apresentarem os melhores resultados), sem que houvesse um comprometimento responsável com uma sociedade estigmatizada por problemas

estruturais de carência dos serviços públicos e alta desigualdade social.

O papel da avaliação

Por meio das análises de Cipriano Luckési, vemos como a avaliação escolar tem um papel central na produção e/ou legitimação do fracasso escolar. Em última instância, é ela que dá um sentido à escola, o que é facilmente atestável quando vemos a preocupação excessiva em "tirar nota" ou "passar de ano", configurando o que Luckési chama de Pedagogia do Exame: a finalidade da educação torna-se a avaliação em si.

Quando Dubet discute justiça escolar, ele está pensando exatamente na relação que se estabelece entre o professor, a escola e seu alunado. Luckési, por meio da avaliação, mostra como essa relação é estabelecida e consolidada. Será que a avaliação teria um papel classificatório (os melhores x os piores), seletivo (aprovados x reprovados) ou punitivo (uma prova difícil para compensar a "bagunça" dos alunos)? Ou será que a avaliação teria um papel diagnóstico, como um instrumento para o desenvolvimento da

“Qual é a função da avaliação no contexto escolar: classificatória, seletiva, punitiva ou diagnóstica? Responder a essa questão pode dar novos sentidos ao ato de avaliar e de intervir no processo de ensino-aprendizagem.

aprendizagem?

Não é só a função da avaliação que é posta em xeque, mas principalmente o que os docentes entendem por ela. Uma nota ou conceito não são nada mais que formas de medir, de examinar. Avaliação, mesmo, só existe quando, a partir desse diagnóstico, sabe-se agregar um valor, interpretando os dados e pensando em como intervir.

Progressão continuada

De todos os aspectos da escola, o mais afetado pela implantação da progressão continuada é a avaliação escolar, como aponta a professora da FEUSP Sandra Zákia Sousa. A progressão continuada é uma consequência da organização do ensino em ciclos, ao contrário das séries.

foco de uma escola justa?

No modelo mais conhecido, seriado, o aluno pode reprovar a cada ano do ensino fundamental se não alcançar o esperado. No ensino em ciclos, há um ciclo que envolve o fundamental I e outro ciclo para o fundamental II. Dentro do ciclo, o aluno não pode reprovar, apenas na passagem de um para outro ou para o ensino médio.

A progressão continuada não elimina a avaliação, mas dá a ela outro sentido: respeitando o ritmo de cada aluno, a avaliação ganha um caráter constitutivo, fazendo parte constantemente do processo de ensino-aprendizagem. Toda uma reformulação da organização da escola torna-se necessária, permitindo a formação de classes pela soma da idade com o aproveitamento do aluno, acompanhamento paralelo ao ensino regular, pedagogias adequadas a cada turma de alunos etc.

Entretanto, pode-se questionar se o problema central seria mesmo o modelo de ensino seriado, uma vez que ambos os modelos só poderiam alcançar bons resultados se na escola houvesse infra-estrutura melhor, valorização dos professores, financiamento maior, menos alunos por sala de aula, ou seja, exatamente o contrário da situação atual. Não obstante, no Estado de São Paulo ainda há o confronto entre a progressão continuada, implantada em 1997, com as políticas meritocráticas (a mais atual, proposta por Paulo Renato Souza, prevê a premiação em dinheiro aos alunos que frequentarem o reforço).

Conclusão

É extremamente pertinente discutir avaliação escolar e seus efeitos na educação, sendo inútil realizar modificações estruturais

na escola se todo o sentido do aprendizado se resumir a algumas notas. Justamente por acreditarmos que a pedagogia tem um papel na mudança da sociedade, estamos cientes de que uma escola mais justa deve dar um novo significado à avaliação.

Entretanto, Dubet nos lembra que nenhuma escola consegue, sozinha, criar uma sociedade mais justa. A afirmação é válida, mas não retira a nossa responsabilidade enquanto licenciados na busca por uma escola e sociedade melhores. Se a escola reflete, sim, as dificuldades históricas que a sociedade enfrenta, é também a própria escola que poderá criar novos sentidos à avaliação. Essa é uma longa caminhada que talvez perpassa pela própria reestruturação escolar, como sugere a progressão continuada, mas, independente disso, nos mostra a importância de estarmos conscientes do que é uma escola justa e que conceito de justiça procuramos.



“Uma escola mais justa deve dar um novo significado à avaliação. Mas talvez esse objetivo perpassa, inclusive, por mudanças maiores na estruturação da escola. Como licenciados, precisamos estar atentos a essas questões.”

Referências Bibliográficas

DUBET, François. (2004). O que é uma escola justa? Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, p539-555.
LUCKÉSI, Cipriano. (2005). Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez Editora, 17ª edição, 180

pg. Para mais obras do Luckési, acessar www.luckesi.com.br

SOUSA, Sandra M. Zákia L. (1999). A avaliação na organização do ensino em ciclos. Seminário “USP fala sobre Educação”.

Conselho JEDI

(Grupo de discussão formado por alunos e alunas após o EREB-2010)

Junte-se a nós! Participe do grupo: conselho-jedi-bio-usp@googlegroups.com

Espaço Nosso: IB x Mercado de Trabalho?

Na última edição do RNAm, Xuxu e Dexter escreveram um texto contando sua visão sobre o debate entre trabalho e formação do biólogo, ou qualquer outro nome que se queira dar. Quero começar dizendo que concordo com o ponto geral colocado e, parafraseando um professor com quem conversei ontem, acho ridícula essa separação entre universidade e “setor produtivo”. Pode ser que pouca gente entenda o que a gente produz por aqui, pode ser que nossa produção que não possa ser enlatada e colocada em uma prateleira. Mas que produzimos, produzimos! Escrevo esse texto, na verdade, para complementar a discussão com pontos que os autores do primeiro acabaram não comentando.

Uma coisa é fato: nem todo mundo que entra na biologia quer seguir a carreira acadêmica. A coisa vai mais além: nem todo mundo pode. A academia pode ser emocionante para alguns, chatíssima para outros, mas todos têm de concordar que há um número limitado de posições. Em princípio, não deveríamos nos preocupar muito com isso, já que, segundo todos os guias para vestibulandos, os biólogos são os seres mais sortudos do mundo, com milhões de opções de trabalho. A questão é que, tendo se formado recentemente, vejo uma distância enorme entre as abobrinhas que me falavam lá durante o colegial e o que realmente aconteceu com o pessoal que se formou comigo. Por que biólogos formados pela USP, em geral, não conseguem opções boas e bem pagas na sua área de atuação fora da academia? Com certeza, achar essa resposta é tão difícil quanto fazer um estudo decente de epidemiologia. Ela é certamente multi-causal. Mas pelo menos algumas das causas estão aqui no nosso quintal, então queria compartilhar um pouco a minha experiência como ex-RD na CG sobre o assunto.

Eu fui RD entre 2006 e 2007, de modo que aqueles que cursam o currículo novo podem se sentir à vontade para me xingar sobre alguns dos seus problemas. Algumas coisas, contudo, eram inesperadas lá atrás e têm a ver com essa discussão. De uma certa maneira, o curso noturno há tempos é negligenciado por alguns professores – e apoiado por alguns poucos, devo admitir! Uma das faces dessa negligência pode ser vista no oferecimento de disciplinas optativas. Com uma única exceção que conheço (não digo o nome para não me chamarem de puxa-saco), as disciplinas optativas livres sempre foram e ainda são oferecidas exclusivamente no período integral. Ouvi dizer que teve professor querendo fazer o mesmo inclusive com eletivas. Isso não tinha lá

uma grande importância até 2007. Tínhamos uma grade fechada, então o sujeito que só ia à USP à noite não teria tempo mesmo de fazer optativas. No mínimo, todo mundo que prestava vestibular para o noturno tinha a segurança de que teria um curso inteirinho sendo oferecido no período que escolheu. Eu sinceramente esperava que nossos professores, ao aprovarem um currículo que obriga o estudante a cursar optativas livres, tivessem a perspicácia de perceber que seriam necessárias optativas livres no noturno. Não tiveram. Ou tiveram e não tomaram uma atitude, o que dá na mesma. Atualmente quem entra no noturno compra gato por lebre, não conseguindo se formar sem cursar disciplinas durante o dia.

A importância disso para a questão do trabalho é óbvia. Conseguir um emprego depois de formado, em qualquer área que não esteja sofrendo um boom, é muito difícil. A melhor maneira de uma pessoa se inserir no mercado de trabalho é, enquanto estuda, já conseguir fazer estágios. Não são todos os empregos que possibilitam uma grande flexibilidade de horários, então é fundamental que haja um curso noturno bem estruturado para que essas pessoas possam estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Espero que os novos RDs da CG consigam mostrar a importância dessa questão aos professores, e que os representantes dessa comissão nos consigam tirar a inércia dos seus departamentos sobre o assunto.

Já que falei de estágio, comento o segundo grande gargalo que o IB impõe aos seus estudantes. Não havendo uma comissão de estágios no IB, quem cuida dessa questão é a CG, com reuniões mensais. Isso quer dizer que, dependendo do seu azar, um estudante que começa estágio em uma empresa pode demorar mais de um mês para conseguir assinar o contrato e regularizar sua situação. Nenhum problema para empresas picaretas como uma em que fiz estágio antes de me formar, por 8 meses, sem ver nem sinal de contrato. Já as empresas sérias que cumprem a lei podem preferir empregar um estudante de farmácia a um de biologia, se os dois puderem fazer a função, dado que essa questão dos estágios é bem menos burocrática naquele instituto. Outro problema relacionado à CG é o achismo com que os projetos de estágio são tratados na comissão. Convenhamos, trabalho de biólogo em empresas não é a praia dos nossos professores. Sem demérito nenhum, eles escolheram outra carreira. Acho que estão tão aptos a julgar o trabalho de um estagiário em uma empresa quanto o Antonio Ermírio de Moraes de julgar o de um aluno de iniciação em um

Espaço Nosso: Despedida...

laboratório. Ou o nosso reitor de... deixa pra lá. Em algumas reuniões da CG das que participei, quase foi negado o plano de estágio de alguns alunos por supostamente não ser função de biólogo. Na época eu não pensei nisso, mas a verdade é que quem deve julgar o que é ou não função de biólogo é o nosso conselho profissional. O que o CRBio tem a dizer? Eu não sei, porque nunca utilizamos nenhum documento do CRBio para embasar as decisões sobre planos de estágio. Talvez fosse interessante começar a fazê-lo. De outro modo, um estudante pode demorar até mais de um mês para saber que não poderá na empresa que aceitou contratá-lo como biólogo para um função de biólogo, ainda que não muito convencional.

Esses dois exemplos que comentei (curso noturno e burocracia com contratos de estágio) exigem soluções relativamente simples, que não envolvem grandes mudanças curriculares. Tenho certeza que uma melhora quanto a esses aspectos poderia aumentar em muito a inserção de biólogos no mercado. Atualmente, ela é muito aquém das possibilidades. Já ouvi casos de pessoas formadas no IB com dificuldade de conseguir empregos dentro da nossa área de formação simplesmente porque os empregadores estão mais habituados a empregar pessoas de outros cursos. A única solução para isso é quebrar o ciclo vicioso e permitir que nós biólogos possamos nos expor mais aos possíveis empregadores. Virando empregadores no futuro, essas pessoas podem passar a contratar mais biólogos.

Para finalizar, gostaria de salientar que acredito que nosso curso não deve ser focado em preparar profissionais para alguma função específica. Os geólogos estão aí aprendendo tantos conteúdos potencialmente inúteis quanto nós, mas com muito mais empregos. Eu acho é uma piada alguém que se diz empreendedor querer receber um cursinho meia boca de administração de mão beijada. Não imagino nada de bom que possa vir da condensação de uma graduação inteira em uma única disciplina. É empreendedor? Que tenha a iniciativa de buscar um complemento à sua formação de biólogo. As faculdades e escolas técnicas de administração estão aí, o SEBRAE está aí, a prática no mercado de trabalho está aí. Os estudantes que procurem meios para realizar o que têm como objetivos de carreira. E o IB que facilite a vida daqueles que não tem como objetivo continuar por aqui até a aposentadoria. Que fique claro que este é um ensaio enviesado, já que eu tenho o objetivo de seguir carreira.

Bruno Medeiros (Mestrado na Zoo)

No próximo ano teremos uma nova gestão de Centro Acadêmico e novos Representantes Discentes no Instituto. Fico extremamente feliz ao saber que cada vez mais novas pessoas na Bio assumem um compromisso de construir um projeto coletivo para tornar o IB e a USP espaços melhores e para que diversas das demandas dos estudantes que, muitas vezes ficam restritas a rodas de conversa de amigos, sejam garantidas.

Resolvi escrever esse texto que é uma mistura de despedida, de apoio e de convite. No próximo ano, como muitos devem ter percebido durante as eleições, não serei mais diretor do CA nem RD dos colegiados do Instituto. Após quatro anos ajudando em um processo de resgate da legitimidade do Centro Acadêmico e de melhoria da atuação da representação discente, saio com a tranquilidade de saber que muitos bixos, incluindo os vinte colegas da nova gestão do CABIO, estarão empenhados em continuar esse processo.

Quando entrei na Bio em 2006, meus anseios como universitário consistiam basicamente em uma dedicação integral a estudar as disciplinas da grade e a começar um estágio ainda no primeiro semestre. O trinômio casa-sala-de-aula-laboratório poderia ser um bom resumo da minha vida. Por uma série de fatos e acasos, isso não aconteceu. E agradeço diariamente a possibilidade que me deram de ser uma pessoa menos medíocre.

Apesar de já ter participado de grêmios estudantis e ter desde muito cedo, talvez por influência de alguns professores do colégio, me interessado em discutir política, havia decidido que os meus anseios acadêmicos deveriam ser priorizados em detrimento de uma maior participação política. Adorei a calourada unificada do meu ano, participei das discussões sobre aumento do orçamento para educação em 2006 bem como do ato na Assembleia Legislativa, me interava sobre as eleições presidenciais daquele ano. Mas tudo não passava de participações pontuais. No final de 2006, o Centro Acadêmico, em meio a uma crise de representatividade, se viu na possibilidade de não conseguir formar uma chapa com o número de candidatos mínimos previstos no estatuto da época (9 candidatos). Ao receber o convite e sabendo da situação, decidi participar do Centro Acadêmico por entender a importância da entidade, embora ressaltando que eu talvez não ajudasse tanto quanto gostaria.

Esse fato com certeza foi um divisor de águas. Provavelmente em outra situação, não teria participado nunca da diretoria do CABIO. No final das contas, participar de reuniões ordinárias,

Espaço Nosso: ...Despedida, apoio e principalmente convite

aprender um pouco com cada diretor mais velho do que eu, discutir os decretos de 2007 implementados pelo Serra a frente do governo estadual e até mesmo entender cada vez mais as diferentes concepções de movimento estudantil presentes na gestão à época me fizeram tomar a decisão de tentar conciliar duas atividades que deveriam ser consideradas igualmente importantes - os compromissos acadêmicos e a atuação política.

Não deixei de ser um rato da biblioteca do IB, não deixei de me dedicar ao meu curso, mas também me dei a oportunidade de frequentar bibliotecas de outros institutos, conhecer pessoas novas, me interar sobre assuntos da universidade, frequentar as festas da USP, participar de um coletivo do movimento estudantil e até mesmo conhecer um partido político. Em suma, mudei meu estilo de vida, meus planos, meus horizontes.

De que vale ser um estudante brilhante e dedicado mas que ignora completamente medidas que podem retirar a autonomia da universidade, que permitem a formação de biólogos em um curso à distância com 20% de aulas práticas ou até mesmo projetos como o Código Florestal que ameaçam a biodiversidade de nosso país e, conseqüentemente, em uma visão mais utilitária, o objeto de estudo de diversos taxonomistas e sistematas formados aqui?

Ter uma outra postura não é, como muitos consideram, altruísmo. Em última análise, o que parece extremamente benéfico - cuidar dos "próprios" problemas e anseios - torna-se prejudicial em longo prazo. A maioria de nossos problemas e desejos são nutridos por um coletivo maior e a procura de soluções individuais na maioria das vezes leva ao fracasso. Cada um de nós que agora lê esse texto, faz a sua escolha dia após dia.

Não vivemos em uma bolha. Tendo ou não calafrios ao ouvir a palavra "política", o fato é que ela faz parte de nossas vidas. As decisões políticas tomadas nos colegiados da Universidade e nos gabinetes de fora da USP nos afetam diretamente. Afetam os nossos currículos, o acervo de nossas bibliotecas, as linhas de pesquisa desenvolvidas, a infra-estrutura da universidade, o direito de acesso ao ensino superior. Influenciam o que somos e o que faremos como profissionais e como 'cidadãos'. Temos a possibilidade de ajudar a construir um outro projeto de universidade e de sociedade ou podemos permitir a continuidade daquele que vigora, seja apoiando seja ignorando. Como Antonio Gramsci afirma, "a indiferença atua poderosamente na história; atua passivamente,

mas atua".

Por isso, expresso a minha admiração pela nova gestão do CA, pelos novos RDs, pelos demais colegas que ajudam a organizar as festas do nosso espaço de vivências e eventos como o "Bio na Rua". Essas pessoas demonstram na prática a alternativa de olhar menos para os nossos umbigos e fazer com que a nossa realidade melhore. Realço aqui o convite aos demais colegas de Bio que reflitam sobre sua postura hoje na universidade e que tenham uma atuação política mais ativa.

Aos colegas da gestão do Centro Acadêmico, encarem as atividades do Centro Acadêmico não só como eventos isolados, mas como parte de um processo de construção do projeto coletivo lançado nos últimos anos. Um projeto para aumentar a representatividade do Centro Acadêmico, um projeto para que o CA seja não um prestador de serviços mas uma entidade que estimula a participação política das mais variadas formas (até mesmo participando de um evento delicioso como o Bio na Rua) e que atua nos mais variados assuntos (código florestal, questões envolvendo a carreira de biólogo, defesa do caráter público da universidade, etc).

Acompanharei no próximo ano as reuniões do CA como diretor do DCE e ajudarei no que for possível, mas desde já, desejo a todos força para que os interesses que nos uniram possam ser aos poucos concretizados. Se muitas vezes nos desgastamos, se muitas vezes as forças contrárias são infinitamente maiores do que nós, isso não deve nos desanimar. Só deve nos lembrar que há muito ainda a ser feito. E, sim, faremos, queridos colegas. No mais, muito, muito obrigado mesmo, por terem me ensinado tanto durante esses anos e por construir conjuntamente uma entidade, um projeto.

Abriu os dedos, absolutamente calmo, absolutamente claro. Só enquanto considerava atento, observando os canteiros de cimento: será possível plantar morangos aqui? Ou se não aqui, procurar algum lugar em outro lugar? Frescos morangos vivos vermelhos.

Achava que sim.

Que sim.

Sim.

(Caio Fernando Abreu)

Juliano Polidoro (Xuxu, 061)

Espaço Nosso: Arte na Bio



Piculus paraensis (Sneathlage, 1907) Macho em destaque e fêmea no detalhe. Espécie de Pica-pau endêmica do Brasil e ameaçada de extinção. Ilustração de Glauca Ribeiro (071). Confira no Blog do CA (link no rodapé) a versão **colorida** deste desenho na edição virtual.

